

Duas versões paralelistas da OT em confronto: a abordagem clássica e a correspondência

Carlos Alexandre Gonçalves (UFRJ)

Marisanda Costa Rodrigues (UFRJ)

Introdução

Neste texto, serão confrontadas duas versões da Teoria da Otimidade (doravante OT) em sua linha paralelista: (a) a abordagem considerada clássica, de 1993 (Cf. Prince & Smolensky, 1993), e (b) a chamada Teoria da Correspondência, de 1995 (Cf. McCarthy e Prince, 1995; Benua, 1995). Também será demonstrada a importância da Teoria da Correspondência (doravante TC) na diferenciação de processos fonológicos e morfológicos a partir da violação de restritores de fidelidade.

A Teoria da Correspondência

A OT clássica propõe uma análise baseada em restrições e contempla fundamentalmente a dimensão input-output. Em sua versão mais clássica, a OT foi aplicada sobretudo à análise de processos fonológicos. Mais tarde, McCarthy e Prince (1995) e Benua (1995) inauguraram uma nova perspectiva de estudo, com foco nos processos morfológicos, e, já de início, perceberam que uma abordagem voltada apenas para a relação input-output seria inviável, uma vez

que processos morfológicos sempre envolvem apagamentos, inserções, alterações de traços e correspondência não-unívoca entre elementos de diferentes camadas, prejudicando, dessa forma, a relação de identidade entre o que está no nível subjacente e o que chega à superfície.

Como se sabe, a principal função dos processos morfológicos é formar novas palavras na língua, seja para denominar eventos, entidades e processos, seja para expressar algum tipo de carga pejorativa ou apreciativa. Com base nessa evidência, os autores demonstraram que, na morfologia, o output nunca pode ser igual ao input que lhe serviu de base, ou seja, as restrições de fidelidade são sistematicamente violadas e o conflito entre marcação e fidelidade pode deixar de existir. Para aplicar a OT ao estudo de processos morfológicos, a solução encontrada foi alargar o conceito de fidelidade, o que deu origem a Teoria da Correspondência. Nessa perspectiva, ‘correspondência’ pode ser definida da seguinte forma:

Dadas duas camadas, S_1 e S_2 , correspondência é a relação R dos elementos de S_1 para S_2 . Elementos $\alpha \in S_1$ e $\beta \in S_2$ são considerados correspondentes um do outro sempre que $\alpha R \beta$. (McCarthy e Prince, 1995, p. 262)

A TC propõe que as relações de identidade sejam ampliadas do nível input-output para o nível output-output, que poderá corresponder, por exemplo, à identidade base-reduplicante, no caso da reduplicação, e a fidelidade base-hipocorístico, no caso da hipocorização. Nessa nova linha de análise, MAX (o input tem de estar ma-

ximamente contido no output / restrição anti-apagamento) e DEP (cada elemento do output precisa ter um correspondente no input / restrição anti-inserção) também são reinterpretadas e passam de restrições individuais a famílias de restrições. Assim, MAX é analisável como MAX-IO, cujas linhas de representação relevantes são o input e o output, ou como MAX-BX, em que B representa base e X, qualquer processo não-concatenativo. Dessa maneira, X pode ser substituído, entre outros, por R (reduplicante) ou T (truncamento). O mesmo ocorre com DEP e os demais restritores de fidelidade, como IDENT e CONTIG.

A TC tem sido bastante aplicada a processos de interface morfologia- fonologia, como a hipocorização, a reduplicação, o truncamento e o cruzamento vocabular, entre outros (cf. Gonçalves, 2005). Em tais mecanismos, chamados de não-concatenativos por Gonçalves (2004), informações prosódicas, sobretudo o pé, são sistematicamente acessadas pelos diversos processos morfológicos. Assim, são checadas as relações de correspondência entre o que se especifica no input e os diversos candidatos a output, mas também são relevantes as semelhanças entre as bases e os produtos da operação morfológica em foco, checadas apenas no nível do output.

OT clássica e TC, o que há em comum e o que há de diferente?

Apresentamos, a seguir, os principais pontos de contato e de divergência entre os dois modelos contrastados neste artigo. Começamos pelos pontos de convergência:

1. Pontos em comum

- (a) Ambas trabalham com restrições universais (premissa da universalidade) e hierarquias específicas

As restrições articulam tendências linguísticas universais, ou seja, as restrições estão presentes em todas as línguas e o que faz a diferença entre elas é a hierarquia existente em cada uma.

- (b) Nas duas versões, a seleção dos candidatos ótimos é feita em paralelo

Cada restrição vai avaliar individualmente cada candidato, ou seja, não há extratos derivacionais e, portanto, nenhum tipo de serialismo.

- (c) A violabilidade é admitida, desde que minimamente

O candidato ótimo poderá não satisfazer às exigências impostas pelas restrições, desde que as violações sejam mínimas, ou seja, garantam satisfação a imposições de nível hierarquicamente superior.

(d) Os instrumentos básicos continuam sendo LEX, GER, CON e AVAL

O léxico (LEX) fornece o input; o gerador (GER) cria as expressões lingüísticas candidatas a partir da forma subjacente; o conjunto de restrições (COM) continua sendo constituído pelas restrições universais e cada língua dispõe esse conjunto em diferentes hierarquias. A seleção (AVAL) do candidato vencedor é feita a partir da melhor satisfação aos membros de CON dispostos em uma escala hierárquica. Passemos, a seguir, à apresentação das principais diferenças entre os dois modelos:

2. Principais diferenças

As principais diferenças entre os dois modelos aparecem no quadro a seguir:

OT Clássica	TC
Aplicada à fonologia	Aplicada à morfologia
Relação de identidade voltada para o domínio I-O	Relação de identidade voltada para o domínio O-O
DEP e MAX vistas como restrições individuais	DEP e MAX vistas como famílias de restrições

Uma vez que as restrições de fidelidade passam a ser vistas como famílias (não mais como restrições individuais), como se vê na terceira linha, é importante apresentar os vários conjuntos de restritores que, no âmbito da TC, voltam-se também para a relação output-output (linha 2). Nas definições a seguir, S1 e S2 são variáveis e, por

isso mesmo, podem ser substituídas tanto por I e O (input e output) quanto por B (base) e X (produto da operação morfológica):

→ IDENT-T (IDENTIDADE DE TRAÇOS) – Os traços de S_1 devem ser mantidos em S_2 . Esse restritor evita permuta de traços.

→ LIN (LINEARIDADE) – S_2 deve preservar a seqüência de S_1 , impedindo a inversão de segmentos (restrição anti-metátese).

→ ANCOR (ANCORAGEM) – Pressupõe alinhamento, ou seja, os elementos à direita devem ser mantidos à direita e os da esquerda, à esquerda.

→ INTEGR (INTEGRIDADE) – Impede a relação de um para muitos (de S_1 para S_2).

→ UNIFORM (UNIFORMIDADE) – Impede a relação de muitos para um (de S_1 para S_2).

A correspondência e o tratamento de fenômenos fonológicos e morfológicos

Os restritores acima definidos podem ser violados tanto em processos fonológicos como em processos morfológicos. Como se vê no quadro a seguir, a violação de uma restritor de correspondência pode definir um processo fonológico:

Exemplos de violações de fidelidade em processos fonológicos

Restrição violada	Processo fonológico	Exemplo em português
MAX	Síncope	/feira/ > [fe.ra]
DEP	Epêntese	/pakto/ > pa[ki]to
IDENT-T	Harmonia vocálica	/perigo/ > p[ɨ]rigo
LIN	Metátese	/tabua/ > [taw.ba]
INTEGR	Espalhamento	----
UNIFORM	Haplologia	/paralelepípedo/ > [pa.ra.le.pi.po]
ANCOR	Sândi	/kara/ + /amiga/ > [ka-ramiga]

A violação de um restritor de correspondência também pode dar origem a um processo morfológico, como resumido no quadro a seguir. Os traços indicam que o processo não ocorre em português.

Exemplos de violações de fidelidade em processos morfológicos

Restrição violada	Processo morfológico	Exemplo em português
MAX	Subtração morfológica	Francisco > Chico; Flagrante > flagra
DEP	Infixação	----
IDENT-T	Mutação	Avô > avó; novo > nóva
LIN	Metátese morfológica	----
INTEGR	Reduplicação	bate-bate
UNIFORM	Haplologia morfológica	Expulsar > expulsão
ANCOR	Blend lexical	saco + picolé > sacolé; uísque + esquerda > uisquerda

Cabe aqui uma questão: de que maneira a TC consegue diferenciar um processo fonológico de uma operação morfológica se as restrições violadas são potencialmente as mesmas? Dito de outra maneira, como pode a violação de MAX, por exemplo, caracterizar

tanto um simples caso de síncope quanto um processo de subtração morfológica? Como diferenciar a morfologia da fonologia?

Na perspectiva da TC, os restritores de fidelidade violados na fonologia e na morfologia são de dimensões diferentes: nas operações fonológicas, a dimensão relevante é I-O; nas morfológicas, ao contrário, o nível focalizado é O-O. Dessa maneira, a TC consegue expressar formalmente as diferenças entre processos que levam e processos que não levam à expressão de significados, uma vez que eles atuam em níveis diferentes. Daí, a necessidade de se definirem os restritores de fidelidade como famílias, já que diferentes significados emergem conforme o tipo de operação morfológica.

O slogan “emergência do não-marcado” (McCarthy & Prince, 1995) deve ser revisto nos processos morfológicos, pois, como podemos observar no segundo quadro, nem sempre o que chega à superfície é não-marcado. Em alguns casos, a estrutura eleita é tão complexa quanto a que consta do input. Por exemplo, ‘flagra’ e ‘uis-querda’, respectivamente um truncamento e um blend lexical, apresentam onset complexo e coda, nesta ordem, e não são silabicamente menos complexos que as representações subjacentes. Dessa maneira, a violação a restritores de fidelidade não necessariamente faz emergirem formas não-marcadas, como acontece nos processos fonológicos regulares, em que violações de FIDELIDADE quase sempre se devem à satisfação à MARCAÇÃO. Nos processos morfológicos, a violação de um restritor de fidelidade I-O é característica básica do processo, que necessariamente leva a diferenças entre os dois níveis

básicos de representação (input e output) em função do conteúdo semântico ou gramatical que emerge.

Conclusão

Este trabalho teve o propósito de apresentar a TC e mostrar sua importância na análise de processos fonológicos e morfológicos. Com esse objetivo, estabelecemos um confronto entre esse modelo e o que se convencionar chamar, na literatura otimalista, de abordagem clássica (Prince & Smolensky, 1993). A evidência empírica em favor de uma relação output-output provém dos processos não-concatenativos de formação de palavras (Cf. Gonçalves, 2004). Evidenciamos que violações a restritores de fidelidade I-O são características de processos dessa natureza, que sempre expressam um conteúdo, ao contrário das operações puramente fonológicas. Por fim, mostramos que o slogan “emergência do não-marcado” não se mostra pertinente para as violações de fidelidade no componente morfológico.

Referências bibliográficas

BENUA, L. Identify effects in morphological truncation. **In:** BECKMAN, J. (Ed.). *Papers in Optimality Theory*, 1995. 18 (1), p. 77-136.

GONÇALVES, C. A. Processos morfológicos não-concatenativos: tipologia e funcionalidade. *ALFA – Revista de Lingüística*. Araraquara, 2004. 42 (1), p. 9-42.

_____. Relações de identidade em modelos paralelistas: morfologia e fonologia. *DELTA*, São Paulo: PUC-SP, 2005. 19 (1), p. 130-67.

McCARTHY, J. & PRINCE, A. *Faithfulness and reduplicative identity*. Rutgers: Rutgers University. 1995.

PRINCE, A & SMOLENSKY, A. *Optimality Theory: constraints and interaction in Generative Grammar*. Boulder: University of Colorado/Rutgers University, 1993.